

## A EQUIVOCIDADE NA IMBRICAÇÃO DE DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES

S. LAGAZZI (UNICAMP)  
[slagazzi@gmail.com](mailto:slagazzi@gmail.com)

Em meu trabalho analítico discursivo na intersecção de diferentes materialidades, um dos pontos que tem se mostrado desafiador é o estabelecimento das marcas significantes relevantes para o funcionamento discursivo.

Ao me voltar sobre a noção de recorte, estabelecida por Orlandi em 1984, pude dimensionar sua força teórico-analítica e o ganho por ela trazido no que concerne à possibilidade de trabalhar na incompletude constitutiva das materialidades simbólicas. Esse procedimento torna possível ao analista não se prender aos conteúdos.

Para trabalhar o recorte na incompletude, fui ao conceito ‘significante’, entendido não mais como imagem acústica, referida ao signo em determinada leitura Saussuriana, mas como componente de uma cadeia estruturante falha, cuja materialidade específica (verbal, visual, sonora, gestual...) fica exposta à produção de significações. Lembramos que entra aí a noção de valor, magistralmente discutida por Gadet e Pêcheux na *Língua Inatingível*, e que permite ao analista buscar sempre uma relação de movimento, de estabelecimento de relações a\_. Temos, portanto, o movimento como constitutivo da materialidade. Entendo, então, que recortar é selecionar significantes significativos do funcionamento discursivo, é estabelecer relações significativas entre elementos significantes em diferentes materialidades. Também aqui é importante retomar Orlandi, que nos permite compreender que a Análise materialista do Discurso é um trabalho que perscruta “o acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história” (Orlandi, 1999), tomando a “forma material” (Orlandi, idem) no batimento entre estrutura e acontecimento (Pêcheux, 1990).

Portanto, com a concepção de incompletude estendida para as diferentes materialidades da linguagem, a noção de cadeia significante também trabalhada frente às diferentes materialidades, e a noção de recorte como um procedimento analítico a ser praticado nas diferentes materialidades, assumo que o jogo entre descrição e interpretação, constitutivo do dispositivo analítico discursivo, não se restringe a uma prática com o verbal. É um dispositivo que permite ao analista mobilizar, na relação teoria-prática, as diferenças

materiais, sem que as especificidades de cada materialidade significativa sejam desconsideradas.

Também já afirmei que o batimento estrutura/acontecimento referido a um objeto simbólico materialmente heterogêneo, requer que a compreensão do acontecimento discursivo seja buscada a partir das estruturas materiais distintas em composição. E mais uma vez quero distinguir composição e complementaridade. Temos materialidades que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais, em composição contraditória. Uma materialidade remete a outra, movimento no qual a não-saturação e o desajuste constitutivo do encontro de especificidades materiais distintas permite o jogo da interpretação.

Essa proposta de composição contraditória é outro ponto a ser ressaltado. A contradição traz a impossibilidade da unidade, a impossibilidade da resolução. No que concerne à circulação dos discursos, essa é uma questão importante. Os discursos se entrecruzam, se esbarram e as formulações se abrem em possibilidades de rearranjos significativos. Observo isso na circulação entre o discurso da ciência e o discurso sobre a ciência, tomando como material de análise capas da revista FAPESP. Esse entrecruzamento vem marcado por determinações que envolvem o campo científico, o campo do jornalismo e o campo da publicidade.

Tomar a contradição discursivamente é se dispor ao equívoco do acontecimento do significativo na história, na análise dessa materialização. O equívoco é um fato de discurso, é a falha da língua na história, afirma Orlandi. Interessante também formular o equívoco como a contradição da história na língua. O real da língua e o real da história num trabalho de entremeio. Trabalhar a contradição é levar às consequências o fato de o social não ser um objeto sujeito a soluções, mas um espaço político tenso, de constante movimento de sentidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADET, F. e PÊCHEUX, M. *A Língua Inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. "Segmentar ou recortar?". *Linguística: questões e controvérsias. Série Estudos 10*. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.